

ÍNDICE INDICE

- 8** O meu olhar desde os cocurutos nas povoações empoleiradas
Conceição Lopes

- 10** Mediterraneidade — o espírito do Mediterrâneo
Fernando Santos Pessoa

- 13** Povoados alcandorados do Mediterrâneo
Miguel Reimão Costa, Susana Gómez Martínez, Desidério Batista, Vítor Ribeiro

ENTRE MARGENS ENTRE LES MARGES

- 16** Águas de Mértola: 2000 anos de abastecimento, armazenamento e gestão da água num povoado alcandorado
Virgílio Lopes, Susana Gómez Martínez, Mária de Fátima Palma, Cláudio Torres, Miguel Reimão Costa

- 22** Le géomorphosite culturel de Matmata (sud-est tunisien): paysage et habitats troglodytiques
Nouri Boukhchim

- 27** A aldeia berbere de Zroua nas montanhas meridionais da Tunísia: identidade e dinâmica da paisagem mediterrânica
Desidério Batista, Miguel Reimão Costa

- 33** Kourbous à l'époque moderne, renaissance et extension d'un village et d'une station thermale en montagne au Cap-Bon (nord-est de la Tunisie)
Beya Abidi

ENTRE PONTOS ENTRE LES POINTS

- 38** Mediterrâneo: um certo genius de habitar
Gonçalo Duarte Gomes

- 43** Las comunidades de Djebel Sirwa (Anti-Atlas, Marruecos): hacia una relación entre hábitat y economía
José María Moreno Narganes, Hacomar Ruiz González, Efraín Marrero Salas, Jared Carballo-Pérez

- 49** Centralidades encaramadas. Ciudades medias de las sierras béticas desde una perspectiva territorial e histórica. Los casos de Estepa y Osuna
Blanca del Espino Hidalgo, Francisco José García Fernández

- 55** Monte Cabeço da Cardo, 226 metros de altitude. Um percurso entre o Mediterrâneo e a faixa atlântica para reconhecimento dos valores do vernáculo
Cláudia de Oliveira Calado Gaspar

ENTRE MONTANHAS ENTRE LES MONTAGNES

- 60** Tagnit n'Abdiy. A arquitetura e a paisagem da região nordeste do Anti-Atlas em Marrocos
Miguel Reimão Costa, Desidério Batista

- 66** Zriba, un village perché du mont Zaghouan (nord-est tunisien)
Meriem Marzouki

- 71** Lecture architecturale, paysagère et culturelle d'un village perché — cas de Takrouna, Tunisie
Ons Najjar, Raja Gzara

- 76** Além da casa sem nome. Novos estudos: Constantina
Vidal Gómez Martínez, Blanca del Espino Hidalgo, María Teresa Pérez Cano

- 82** Manières d’habiter dans les zones montagnardes de la Méditerranée Occidentale: recherches sur les modèles d’habitat traditionnel de Chefchaouen
Leila Harabi

ENTRE FRONTEIRAS ENTRE LES FRONTIÈRES

- 87** “De Marvão vê-se tudo”, assim dizia José Saramago
Jorge de Oliveira
- 94** Topografias dos recintos murados da Pré-História recente do Alto Douro: o caso do Castanheiro do Vento (Horta do Douro, Vila Nova de Foz Côa)
João Muralha, Sérgio Gomes, Ana Vale, Vítor Oliveira Jorge
- 106** Estruturas de fronteira: arquitetura e povoamento em Ribacôa
Maria Isabel Lopes de Mendonça
- 112** Estremoz: assentamento e fronteira
Ana Costa Rosado

ENTRE ÁGUAS ENTRE LES EAUX

- 112** A arquitetura corrente do Baixo Guadiana através da arqueologia: a parcela do edifício dos antigos CTT de Alcoutim entre os séculos XV a XX
Marco Fernandes, Virgílio Lopes, Susana Gómez Martinez, Miguel Reimão Costa, Alexandra Gradim
- 116** La Cittadella di Gozo a Malta: un’acropoli nel cuore del Mediterraneo
Germano Germanò
- 123** *Telhados de tesouro* da Ribeira de Tavira — Modelos e tipologias da casas nobres entre os séculos XV e XVI
Ana Isabel Nascimento Santos
- 128** Vila da Fuzeta, entre o mar e a terra. Revelar arquiteturas, percursos e horizontes lagunares
Pedro Miguel Mascarenhas de Brito, João Gabriel Candeias Dias Soares
- 134** Os povoamentos alcandorados da cidade de Lisboa em risco
Filipe Mário Lopes

ENTRE TEMPOS ENTRE LES TEMPS

- 139** Arquitetura de adobe em povoações alcandoradas de Portugal
Maria Fernandes
- 142** A aldeia de Prados no Programa de Renovação Rural: apontamentos para uma história das intervenções de reabilitação em áreas rurais no Estado Novo
Vítor Ribeiro
- 149** Identité architecturale et patrimonialisation de l’habitat en Kabylie
Zoulikha Ait-Lhadj, Messaoud Aiche, Miguel Reimão Costa
- 155** Uma ponte construída em taipa — Sobral da Adiça, Moura
Miguel Ferreira Mendes

2. Os recintos murados e a paisagem no Alto Douro

Nos últimos 25 anos, as bacias hidrográficas da ribeira da Teja e dos rios Torto e Côa têm sido prospectadas por diferentes investigadores (Zilhão, 1997; Coixão, 2000; Coixão *et al.*, 2009; Cardoso, 2010). Tais trabalhos permitiram identificar 23 prováveis recintos (fig. 1), um número que, embora represente apenas cerca de 20% da totalidade dos sítios inventariados, sugere uma paisagem fortemente marcada por estes recintos construídos em sítios destacados na paisagem. Para a sua construção, as comunidades pré- e proto-históricas escolheram locais que, de um ponto de vista paisagístico, permitem estabelecer um contacto visual com outros dispositivos de natureza antrópica (outros sítios arqueológicos) e de natureza geográfica (um pico quartzítico, cadeia montanhosa, batólitos graníticos e cursos de água, por exemplo). Neste sentido, é de salientar que os recintos apresentam uma amplitude visual com um mínimo de 180 graus, constituindo-se, deste modo, locais privilegiados de uma paisagem e, neste mesmo sentido, locais que participaram na edificação da(s) identidade(s) e do(s) território(s) desta paisagem mediterrânica (fig. 2).

A paisagem que se vê dos recintos é uma paisagem próxima à comunidade; uma paisagem constantemente percorrida, habitada, que se transfigura nestas dinâmicas. São transfigurações que permitem a emergência de um sentimento de identidade corporizado nos recintos (Cardoso, 2010).

As escavações em Castelo Velho de Freixo de Numão (Lopes, 2019) e em Castanheiro do Vento (Cardoso, 2010;

Vale, 2011) têm permitido uma contínua reflexão sobre os processos de identidade comunitária e territorialização que parecem ter acontecido nesta área ao longo do 3.º e 2.º milénio. Em Castanheiro do Vento temos percebido que a arquitetura é tanto uma prática criativa como uma prática de habitação. A construção de estruturas, espaços, muros, ocos, paredes, deposições, envolve um conjunto de ações que parece nunca estarem terminadas; percebemos constantes reformulações e configurações que envolveriam tempos específicos de trabalho prefigurando um ato de construção, um ato identitário. A tarefa construtiva é ao mesmo tempo uma tarefa social e temporal, mas acima de tudo é uma prática constante à prática de habitar. Não só o sítio, como a própria paisagem. A mobilidade destas comunidades (na paisagem) associa-se às tarefas desempenhadas no sítio, reforçariam os laços da comunidade entre si e entre a paisagem. A prática construtiva do sítio seria ao mesmo tempo uma prática estruturadora da própria comunidade. Esta ação constante nos recintos (construir, configurar, reformular) implica questionar a ideia explicadora dos faseamentos arqueológicos (construir e ocupar ao longo do tempo). É importante reorientar o olhar interpretativo para o ato de construir e produzir arquitetura, não enquanto objeto construído, mas sim como objeto orgânico, fluido, mutável. A organicidade, fluidez e mutabilidade próprias de uma paisagem em devir que, pela construção dos recintos, é atualizada e transformada no sentido da criação de uma casa onde se vive (Vale, 2011) ou de um *arquivo* onde se começa e comanda a vida (Gomes & Baptista, 2017).



Fig. 2 Paisagens visíveis de vários recintos

A Quinta da Abelheira **B** Pitanceira **C** Zaralhôa **D** Quinta de Alfarella **E** Castelo Velho de Freixo de Numão **F** Nossa Senhora de Urros



Fig. 3 Vista geral da colina onde se localiza Castanheiro do Vento

3. Dinâmicas construtivas em Castanheiro do Vento

Castanheiro do Vento é um sítio arqueológico com uma ocupação datada do 3.º e primeira metade do 2.º milénio aC implantado no topo de uma colina oblonga (fig. 3). As sucessivas campanhas de escavação ofereceram-nos um complexo sistema construtivo que nos tem permitido pensar sobre organização de espaços e sobre arquitetura. No entanto, cedo nos apercebemos que esta arquitetura tem de ser pensada enquanto habilidade técnica, onde o gesto de conformação e o saber-fazer são as ações “construtivas” às quais é necessário prestar atenção para compreender o sítio.

A análise arquitetónica que temos feito a este “sítio altaneiro” tem tentado olhar os materiais de construção, os espaços construtivos e as estruturas de uma forma contextual, englobante, onde os materiais utilizados, o local onde estão e a estrutura que conformam têm de ser interpretados em conjunto.

Os materiais que conformam o sítio, a pedra, a terra, a água e a madeira, são materiais utilizados dentro de uma aparente homogeneidade construtiva. Percebemos a existência de um ritmo construtivo; a tendência circular das estruturas e a construção modular que parece conferir uma ideia de conjunto expressa na planta do sítio (fig. 4) e no modo como são compostos os diferentes segmentos

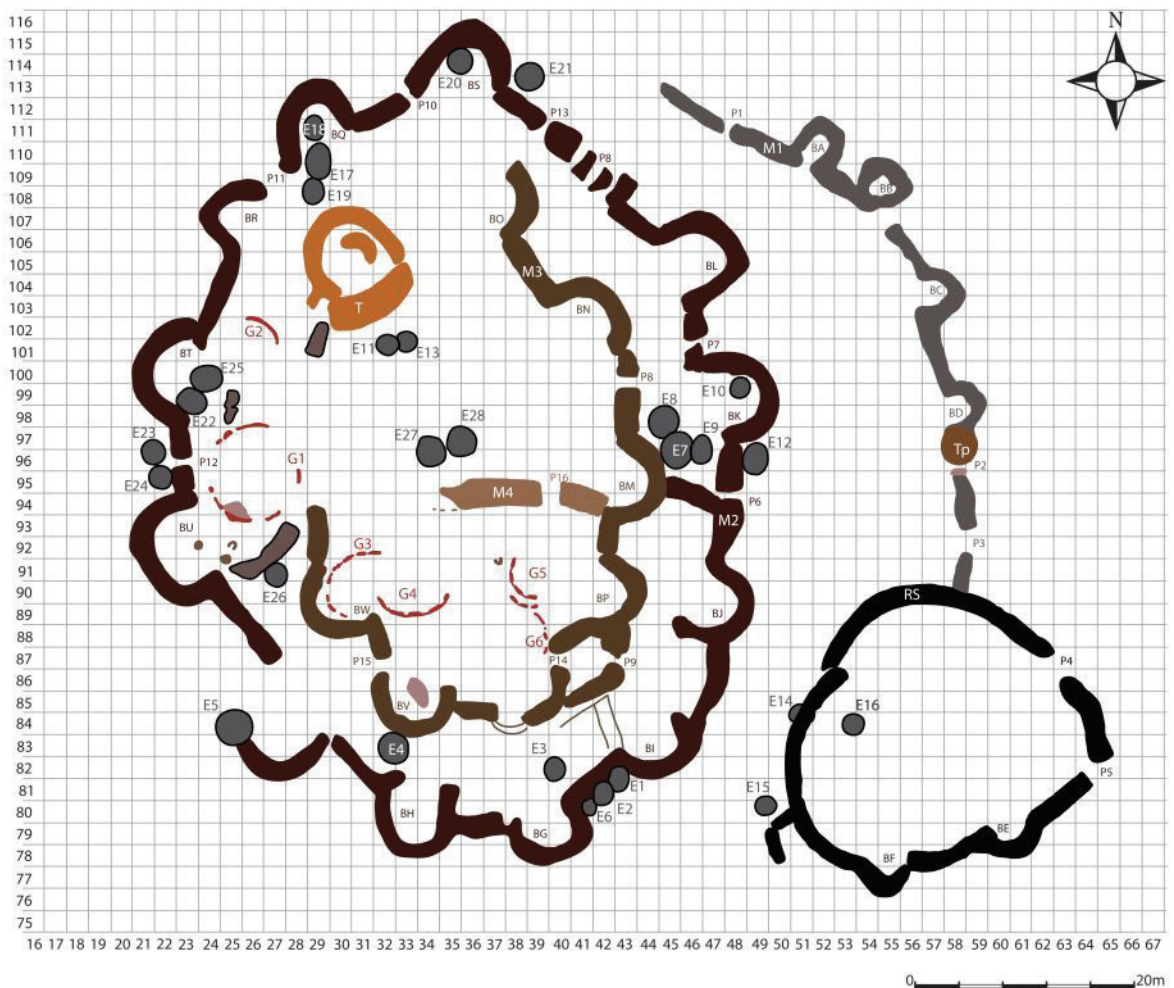


Fig. 4. Planta geral do sítio de Castanheiro do Vento



Fig. 5 Construção modular em Castanheiro do Vento. Parte do Bastião L e troço do murete 2

de muretes e bastiões (fig. 5). Porém, há também um conjunto de pormenores construtivos que remetem para um desvio à homogeneidade: a utilização específica de materiais em determinadas estruturas, como a utilização de tipos específicos de rochas em determinadas estruturas (fig. 6); e a utilização de materiais/fragmentos de materiais em deposições estruturadas, como veremos mais à frente a propósito das deposições. Este saber-fazer arquitetura remete-nos para atos construtivos ou ações de conformação do sítio inseridas num processo contínuo de vivências no local. Neste fazer arquitetura incluímos o gesto técnico e as técnicas de configuração enquanto noções operatórias que parecem funcionar dentro de uma matriz social e relacional das comunidades que foram fazendo Castanheiro do Vento. O ato de elaborar/configurar/manter um espaço torna-se uma atividade recorrente no tempo e no espaço do sítio, constituindo-se como um processo de entrelaçamento das dinâmicas sociais daquelas comunidades. O importante não terá sido construir, mas sim os processos de construção, alteração, manutenção do sítio, enquanto processo de habitação de um lugar e do mundo (Cardoso, 2010).

Desta forma, ao analisarmos a arquitetura deste sítio arqueológico, não será correto indexá-la simplesmente a uma fase de ocupação, com uma determinada planta (fig. 4). Percebemos vestígios que nos remetem para ocupações mas Castanheiro do Vento parece ter sido um projeto em constante configuração, pois o importante não era a existência de um projeto terminado e sim a constante transformação do lugar (Cardoso, 2010).

Uma transformação que se traduz nos gestos técnicos construtivos e noutras práticas de fazer da matriz social comunitária (figs 5 e 6). Desta perspetiva, a arquitetura de Castanheiro do Vento é um contínuo processo de interação entre indivíduos, comunidades e o mundo. Se aceitarmos que esta forma de construção é uma forma de estar no mundo, a arquitetura deve, então, ser olhada na sua conexão a esse mundo; às transformações do mundo e à visão do mundo destas comunidades.

4. Arquitetura e práticas de deposição

Compreender a arquitetura do Castanheiro do Vento como prática, e não como um conjunto de edificações sucessivas, exige também pensar o modo como teriam participado os outros elementos que concorrem na vida das comunidades. Os recipientes cerâmicos, a indústria lítica e a fauna, por exemplo, são elementos que aparecem recorrentemente em Castanheiro do Vento,



Fig. 6 Pormenores construtivos. Grande laje de xisto disposta ao alto

ocorrendo, por vezes, em contextos onde parecem ter sido intencionalmente colocados no interior de estruturas ou em expressivas concentrações de diferentes categorias de materiais e artefactos. Estes contextos estão associados a práticas de deposição que, tradicionalmente, apenas eram reconhecidas em contextos sepulcrais ou associadas a depósitos metálicos (Vilaça & Bottaini, 2019). Porém, tanto no Castelo Velho (Jorge, 2005; Lopes, 2019) como no Castanheiro do Vento (Vale, 2011) foram reconhecidos contextos cuja formalização sugere a sua associação a este diversificado universo de práticas, no qual artefactos e outros materiais são reassociados e colocados em determinados espaços, constituindo-se, deste modo, marcadores espaciais que concorrem na arquitetura do recinto; são marcadores espaciais que podem também ser perspetivados enquanto arquitetura (Vale, 2019).

No sentido de perceber melhor a natureza destes contextos de deposição vejamos, de modo sucinto, três exemplos. O primeiro caso corresponde a uma pequena estrutura, localizada no interior de uma das grandes estruturas de planta circular, na qual foram exumados 41 fragmentos cerâmicos, um fragmento de chifre de bovívdeo, espinhas de sável ou savelha, um peso de tear, uma lasca de quartzito e um núcleo em quartzo leitoso (fig. 7). Esta pequena estrutura encontrava-se selada por um massivo depósito de barro de revestimento que se desenvolvia do lado norte da grande estrutura, excedendo os seus limites. De um ponto de vista estratigráfico, é muito difícil definir uma sequência de depósitos, não sendo este o local para discutir a sua complexidade. De qualquer modo, o enchimento da pequena estrutura parece ser composto pela associação de diferentes elementos (designadamente o peso de tear e o chifre), ao qual se associam os fragmentos cerâmicos, a indústria lítica e as espinhas de peixe. Estes diferentes elementos reassociados no interior da estrutura convocam diferentes partes da região e diferentes ciclos temporais entre os quais, ou com os quais, se desenvolveu a construção de Castanheiro do Vento.

O segundo caso é a inserção intencional de um fragmento de um peso de tear e de um fragmento de movente em granito no interior do murete que define a linha externa do recinto (fig. 8). Neste caso, entre os elementos pétreos que compõe o murete, concorrem outros elementos que edificam igualmente a estrutura; são artefactos que remetem para outras atividades, designadamente a prática de fragmentação e redistribuição social de fragmentos de artefactos. Assim, à fragmentação



Fig. 7 Deposição no interior de uma pequena estrutura, localizada na Grande Estrutura Circular n.º 1



Fig. 8 Deposição de um fragmento de um peso de tear e de um fragmento de um movente em granito no interior do murete 1

de afloramentos rochosos para a produção do aparelho construtivo associam-se outros contributos de formas de fragmentação. A construção do murete é, deste modo, um acumulado organizado e com sentido de elementos díspares, um acumulado de elementos onde se congregam igualmente um conjunto de gestos anteriores. Um murete é, deste modo, um acumulado de gestos e deposições entre os quais se faz a emergência do dispositivo arquitetónico.

O terceiro caso corresponde a uma pequena estrutura delimitada por fragmentos de dormentes de granito (fig. 9). Ou seja, estamos face a um dispositivo arquitetónico que é composto por fragmentos de artefactos relacionados com a prática de moagem que, a dado momento da sua biografia enquanto tal, teriam sido fragmentados e posteriormente reunidos sobre a forma de uma estrutura. No interior desta estrutura ocorrem partes de diferentes recipientes cerâmicos. A componente artefactual deste contexto pauta-se pelo seu carácter fragmentado, um processo de fragmentação que, longe de encerrar as biografias de cada artefacto, permite a sua associação – através de práticas de deposição e de construção – a diferentes realidades. Uma associação que faz emergir uma outra entidade, a estrutura.

As práticas de deposição de diferentes categorias de materiais e artefactos convoca ao recinto, à sua arquitetura, um conjunto de espacialidades e temporalidades dispersas na paisagem. Ou seja, faz com que diferentes lugares e práticas sejam congregados nesta arquitetura, fazendo da sua construção uma experiência de reificação do sentido das coisas e da paisagem. As deposições criam, nesta medida, novos espaços e novos tempos que concorrem, tal como um murete ou um bastião, para a produção dos espaços e dos tempos proporcionados pelo recinto. As práticas de deposição, e todo o conjunto de práticas que lhes estão associadas (a fragmentação e distribuição social de artefactos, por exemplo) fazem parte da arquitetura de Castanheiro do Vento, contribuindo para a espessura temporal, espacial e social deste monumento. Uma espessura temporal, espacial e social que cria as condições para que seja reificado o sentido das diferentes coisas que participam na deposição (Jorge *et al.*, 1999; Vale, 2011 e 2019; Valera, 2019) e, por conseguinte, na arquitetura do recinto.

5. Considerações finais

Ao longo deste texto fomos apresentando as diferentes abordagens que temos desenvolvido no âmbito do estudo deste sítio altaneiro localizado nos limites setentrionais do mundo mediterrânico. Estas abordagens têm sido

desenvolvidas no sentido de demonstrar que o recinto de Castanheiro do Vento é um lugar monumental, ou seja, é um lugar cuja implantação topográfica se encontra em relação com as dinâmicas de memória e de identidade das comunidades da Pré-história recente da região. Com efeito, este recinto encontra-se localizado no topo de uma colina que teria sido transformada ao longo do 3.º e do 2.º milénio aC; uma transformação que se desenvolve entre diferentes gerações e comunidades. Neste tempo longo, a construção do recinto – a sua permanente reconfiguração – fez-se enquanto uma arena onde se confrontam diferentes memórias e identidades, colocando em diálogo comunidades e territórios. Um diálogo onde é ressignificado o papel de cada ator social e renegociado o seu futuro. Nestas recombinações, deve ser tido em consideração que a construção dos recintos se encontra inscrita num conjunto de processos históricos associados à consolidação do sistema agro-pastoril e de uma ideia de identidade territorial; processos estes que teriam interferido com a perceção da paisagem e, por conseguinte, com as estratégias da sua transformação. O elevado número de recintos pode ser entendido desta forma, neste contexto de reconfiguração da relação entre as comunidades e os territórios, no qual teria emergido um sentimento de pertença (de identidade) que, em múltiplos aspetos, se relaciona com as dinâmicas das sociedades agrárias pré-modernas.

Na análise da arquitetura do Castanheiro do Vento procuramos, então, ter em consideração as dinâmicas sociais de comunidades em vias de consolidação do sistema agro-pastoril para compreender os limites e as possibilidades de sentido emergentes na construção destes recintos. A ligação entre o recinto e a paisagem, a identificação de gestos técnicos padronizados e o seu desvio, e a atenção colocada na deposição intencional de diferentes categorias de materiais e artefactos correspondem a abordagens que tentam traduzir os fenómenos de negociação e transformação que teriam ocorrido neste lugar. A partir da analítica proporcionada pelo estudo das dinâmicas identitárias e de memória, procuramos, então, prestar atenção ao modo como a análise da arquitetura pode ser uma narrativa acerca da permanente reificação deste lugar. Neste sentido, a análise dos vestígios é uma forma de ir equacionando diferentes topografias entre os diferentes elementos que compõem Castanheiro do Vento: a colina, os muretes, as deposições, os artefactos... elementos que se foram acumulando aqui; acumulando também um conjunto de ligações com outros lugares. Seguir as topografias destes vestígios é, pois, ter



Fig. 9 Estrutura delimitada por fragmentos de dormentes em granito, no interior da qual se encontravam partes de distintos recipientes cerâmicos

a convicção que em todos os lugares *corre um fio invisível que liga um ser vivo a outro por um instante e a seguir se desfaz, e depois torna a estender-se entre pontos em movimento desenhando novas rápidas figuras de modo que a cada segundo a cidade infeliz contém uma cidade feliz que nem sequer sabe que existe* (Calvino, 2000, p. 151); são topografias in-finitas de uma arquitetura que interpela o processo de estudo, desafiando a novas questões.

Bibliografia

- Calvino, I. [1972] (2000). *As cidades invisíveis*, Lisboa: Teorema.
- Cardoso, J. Muralha (2010). *Castanheiro do Vento (Horta do Douro, Vila Nova de Foz Côa) Um recinto monumental do 3.º e 2.º milénio a.C. Problemática do Sítio e das suas Estruturas à Escala Regional*. Palma de Maiorca: Vessants, arqueologia i cultura.
- Cardoso, J. Muralha (2019). "Castelo Velho de Freixo de Numão. Um sítio, uma paisagem". *DigitAR Extra*, 1, pp. 51-94.
- Coixão, A. Sá (2000). *Carta Arqueológica do Concelho de Vila Nova de Foz Côa* (2.ª edição). Vila Nova de Foz Côa: Câmara Municipal de Vila Nova de Foz Côa.
- Coixão, A. Sá & Cruz, S. (2009). *Carta Arqueológica do Concelho de Mêda*. Coimbra: Câmara Municipal de Mêda.
- Gomes, S.A. & Baptista, L. (2017). "Arquitetura e arquivo. Contributos para uma compreensão das estruturas em negativo da pré-história recente das colinas entre os barrancos da Morgadinha e da Laje (Serpa, Beja)". *Estudos do Quaternario*, 17, pp. 89-122.
- Jorge, S. Oliveira (1994). "Colónias, fortificações, lugares monumentalizados: trajectória das concepções sobre um tema do calcolítico peninsular". *História, Revista da Faculdade de Letras da Universidade do Porto*, XI, pp. 447-546.
- Jorge, S. Oliveira (1999). *Domesticar a terra. As primeiras comunidades agrárias em território português*. Lisboa: Gradiva.
- Jorge, S. Oliveira (2005). *O passado é redondo: dialogando com os sentidos dos primeiros recintos monumentais*. Porto: Afrontamento.
- Jorge, S. Oliveira et al. (1999). "Uma estrutura ritual com ossos humanos no sítio pré-histórico de Castelo Velho de Freixo de Numão (Vila Nova de Foz Côa)". *Portugália*, 19-20, pp. 28-70.
- Jorge, V. Oliveira et al. (2006). "Copper Age «Monumentalized Hills» of Iberia: the shift from positivistic ideas to interpretative ones. New perspectives on old techniques of transforming place and space as results of a research experience in the NE of Portugal". *Journal of Iberian Archaeology*, 9, pp. 203-264.
- Lopes, S. Soares (2019). "Voltar a Castelo Velho de Freixo de Numão: pensar a reconfiguração cultural dum recinto pré-histórico do Alto Douro português". *DigitAR Extra*, 1, pp. 357-389.
- McFadyen, L. (2008). "Building and architecture as landscape practice" in David, B. & Thomas, J. (eds). *The Handbook of Landscape Archaeology*. World Archaeological Congress (WAC) Research Handbook Series. Walnut Creek: Left Coast Press, pp. 307-314.
- McFadyen, L. (2018). "Outer worlds inside" in Brysbaert, A. et al. (eds). *Constructing Monuments, Perceiving Monumentality and the Economics of Building*. Leiden: Sidestone Press, pp. 87-102.
- Muralha, J. et al. (2019). "Relatório dos trabalhos arqueológicos em Castanheiro do Vento/2018". *Côavisão. Cultura e Ciência*, 21, pp. 39-47.
- Vale, A. (2011). *Modalidades de Produção de Espaços no Contexto de uma Colina Monumentalizada: o sítio pré-histórico de Castanheiro do Vento, em Vila Nova de Foz Côa*. Dissertação de Doutoramento, Faculdade de Letras da Universidade do Porto. Edição policopiada.
- Vale, A. (2019). "Depositions, Assemblages and Relationships in Late Prehistory. The case of Castanheiro do Vento (Portugal)" in Valera, A. C. (ed.). *Fragmentation and depositions in Pre and Proto-historic Portugal*. Lisboa: NIA Arqueologia, pp. 31-46.
- Valera, A. C. (2019). "Segmentation and depositional practices in Prehistoric South Portugal: between ontological stability and fluidity" in Valera, A. C. (ed.). *Fragmentation and depositions in Pre and Proto-historic Portugal*. Lisboa: NIA Arqueologia, pp. 9-30.
- Vilaça, R. & Bottaini, C. (2019). "Breaking metals and handling ideas about Bronze Age hoards from Western Iberia. Material patterns, invisible behaviors and possible interpretations" in Valera, A. C. (ed.). *Fragmentation and depositions in Pre and Proto-historic Portugal*. Lisboa: NIA Arqueologia, pp. 125-139.
- Zilhão, J. et al. (1997). *Arte Rupestre e Pré-história do Vale do Côa, Trabalhos de 1995-1996*. Lisboa: Ministério da Cultura.